

Competência metafórica e a Linguística Cultural: Exemplo de conceptualização das emoções em Chinês e na cultura ocidental

Hanna Batoréo¹

Resumo: No presente texto, desenvolvido no âmbito da Linguística Cultural, pretende-se analisar e discutir a noção de *competência metafórica*, definida como a capacidade de entender e usar as metáforas numa dada língua particular, tal como elas surgem no discurso autêntico do dia-a-dia (ALESHTAR; DOWLATABADI, 2014, p. 1895; cf. SHIRAZI; TALEBINEZHAD, 2013, p. 135). Além dos outros tipos de competências – tais como a comunicativa e a(s) linguística(s) – a desenvolver no processo de aquisição/ aprendizagem da linguagem, o falante deve ter competência metafórica, a fim de poder comunicar numa língua nova de modo mais proficiente e adequado não só linguística ou comunicativamente, mas também de modo *fluente e apropriado conceptualmente*.

O contributo para a análise da competência metafórica que aqui apresentamos centra-se na conceptualização das emoções, tais como, por exemplo, a tristeza profunda, a raiva ou o sentimento de lealdade, contrastando a língua e a cultura chinesas, por um lado, e a cultura ocidental, por outro, exemplificando esta última com a língua e cultura portuguesas. Neste tipo de abordagem, utilizamos a análise da corporização (*embodiement*) não só fisiológica como também cultural (cf. SINHA; LÓPEZ, 2004; SHARIFIAN, 2015, entre outros), tendo em conta que, na expressão de emoções, culturas diferentes utilizam órgãos do corpo distintos (por exemplo, *coração, fígado, vesícula*, etc.) como a fonte do mecanismo cognitivo a partir do qual é criada a respectiva expressão metafórica (YU, 2007; PIRES, 2015). Procuramos defender, deste modo, que a competência metafórica, sendo ancorada culturalmente, desempenha um papel fundamental na aquisição da linguagem (sobretudo a linguagem figurada) (cf. DOIZ; ELIZARI, 2013).

Palavras-chave: Trinómio Cognição – Linguagem – Cultura. Competência metafórica. Linguística Cultural. Linguística Cognitiva. Conceptualização e expressão de emoções. Língua Chinesa. Língua Portuguesa. Aquisição/ aprendizagem de Português língua não-materna (PLNM).

Abstract: In the present paper we shall discuss *metaphorical competence*, understood as “the ability to comprehend and use metaphors in a given language as used in natural discourse” (ALESHTAR; DOWLATABADI, 2014, p. 1895; cf. SHIRAZI;

¹ Professora Associada com Agregação da Universidade Aberta, Departamento de Humanidades, Lisboa (Portugal). Universidade Aberta de Lisboa.

TALEBINEZHAD, 2013, p. 135). This competence goes beyond other kinds of competence a speaker has to master when (s)he wants to speak a new (non-native) language, implying that a speaker should not only be *linguistically* and *communicatively* appropriate but also *conceptually appropriate*, which is not an easy task, requiring difficult and laborious work in the process of language acquisition and learning.

Our research will specifically focus our interest on conceptualization of emotions (such as sadness, anger, sense of loyalty, etc.), contrasting Chinese language and culture with the occidental tradition. Illustrated here by Portuguese culture and language. This research requires both physiological and cultural embodiment (cf. SINHA; LÓPEZ, 2004; SHARIFIAN, 2015), knowing that different cultures map different body organs (such as *heart* or *liver*) into different emotions (cf. YU, 2007; PIREZ, 2015). We defend that conceptual appropriateness in metaphorical competence and metaphor awareness play a fundamental role in the acquisition of figurative vocabulary and understanding of the subject-matter the metaphors work for (cf. DOIZ; ELIZARI, 2013).

Keywords: Cognition – Language – Culture. Metaphoric competence. Cultural Linguistics. Cognitive Linguistics. Conceptualization and expression of emotions. Chinese. Portuguese. Acquisition/learning of Portuguese as a non-native language (L2).

Resumen: En el presente texto, desarrollado en el ámbito de la Lingüística Cultural, se pretende analizar y discutir la noción de competencia metafórica, definida como la capacidad de entender y usar las metáforas en una lengua particular, tal como si surgieran en el discurso auténtico del diario (ALESHTAR; DOWLATABADI, 2014, p. 1895; cf. SHIRAZI; TALEBINEZHAD, 2013, p. 135). Además de otros tipos de competencias – como la comunicativa y la(s) lingüística(s) – a ser desarrolladas en el proceso de adquisición/aprendizaje del lenguaje, el hablante debe tener una competencia metafórica para que pueda comunicarse en una nueva lengua de manera más proficiente y adecuada no solo lingüística o comunicativamente, pero también de modo *fluyente* y *conceptualmente apropiado*.

La contribución para el análisis de la competencia metafórica que presentamos aquí se centra en la conceptualización de las emociones, como, por ejemplo, la tristeza profunda, la rabia o el sentimiento de lealtad, contrastando la lengua y cultura china, por un lado, y la cultura occidental, por otro, ejemplificando esta última con la lengua y cultura portuguesa. En este tipo de abordaje, utilizamos el análisis de la corporeización (*embodiment*) no solo fisiológica como cultural (cf. SINHA e LÓPEZ, 2004; SHARIFIAN, 2015, entre otros), llevando en cuenta que, en la expresión de emociones, culturas diferentes utilizan distintos órganos del cuerpo (por ejemplo, *corazón*, *hígado*, *vesícula*, etc.) como la fuente del mecanismo cognitivo a partir de lo cual es creada la respectiva expresión metafórica (YU, 2007; PIREZ, 2015). Buscamos defender, de esta manera, que la competencia metafórica, culturalmente ancorada, desempeña un rol fundamental en la adquisición del lenguaje (sobretudo el lenguaje figurado) (cf. DOIZ and ELIZARI, 2013).

Palabras-clave: Trinomio Cognición – Lenguaje – Cultura. Competencia metafórica. Lingüística cultural. Lingüística cognitiva. Conceptualización y expresión de emociones. Chino. Portugués. Adquisición/aprendizaje de portugués lengua no-materna (PLNM).

Introdução²

O presente estudo encontra-se no cruzamento de duas grandes áreas científicas: (i) a Linguística Cultural, um ramo da Linguística Cognitiva, e (ii) a Aquisição da Linguagem, uma sub-área da Psicolinguística, focando na aquisição/aprendizagem das línguas não-maternas e, no nosso caso particular, do Português Língua Não-Materna - PLNM.

O objetivo principal do nosso estudo é demonstrar a necessidade de estudar e analisar a competência metafórica do falante de uma língua (sobretudo, no caso de uma língua não-materna) e demonstrar que esta competência só se pode desenvolver com base nas capacidades abrangidas pelo trinómio Cognição – Linguagem – Cultura, no âmbito da Linguística Cultural. Ilustraremos a nossa proposta com o exemplo da conceptualização de emoções na língua e cultura chinesas, em contraste com a cultura ocidental, aqui exemplificada pelo Português Europeu.

O estudo seminal de Lakoff e Johnson (1980), que introduziu a noção da metáfora conceptual, promoveu o estudo da metáfora e da linguagem metafórica num sentido mais vasto, dando, igualmente, origem ao desenvolvimento de um novo conceito de *competência metafórica* para se referir às capacidades que o falante (especialmente, no caso de uma língua nova) tem para perceber e produzir metáforas, entendidas como mecanismos cognitivos subjacentes à linguagem

² O presente texto encontra-se elaborado em Português Europeu, seguindo a grafia antiga. Os conceitos e as metáforas são grafados em maiúsculas (pequenas), segundo a convenção habitualmente utilizada em Linguística Cognitiva.

figurada. Esta competência implica a capacidade de (i) distinguir diferentes domínios conceptuais, (ii) conseguir diferenciar o seu papel em línguas diferentes, (iii) saber reconhecer a linguagem metafórica, assim como (iv) saber construir e criar metáforas novas. Este conceito relaciona-se com a noção da *fluência conceptual*, que refere a capacidade que o falante tem, tanto para entender como para realizar ao nível linguístico as imagens verbais típicas de uma dada sociedade e de uma dada cultura. Defende-se, por conseguinte, que a competência metafórica, ao lado das outras competências (comunicativa e linguística(s)), já largamente reconhecidas ao nível do ensino das línguas, constitui um dos fundamentos da aquisição/ aprendizagem das línguas novas, a ter em conta, por exemplo, na área das competências do Português Língua Não-Materna.

O estudo aqui apresentado divide-se em quatro secções: depois da secção 1, de carácter introdutório, iremos definir, na secção 2, os conceitos fundamentais utilizados no nosso enquadramento teórico: o da Linguística Cultural, em (2.1.) e o de competência metafórica, em (2.2.). Na secção 3, fundamentando-nos nos trabalhos desenvolvidos sobretudo por Yu (2007, 2008 a e b) e Pires (2015)³, procuraremos ilustrar a problemática discutida na secção anterior com o caso da conceptualização das emoções na língua e cultura chinesas, contrastando-a com o caso da cultura ocidental, exemplificada, aqui, pelo Português Europeu. Nesta parte, centrar-nos-emos sobre três conceitos analisados por Pires (2015): LEALDADE, RAIVA e TRISTEZA PROFUNDA. Nas últimas duas secções – na secção 4, sobre os

³ Agradecemos a Luís Pires o ter-nos disponibilizados os dados linguísticos chineses do seu estudo desenvolvido no âmbito do seminário *Linguagem – Cognição – Cultura*, no âmbito do *Doutoramento em Estudos Portugueses*, da Universidade Aberta, em Lisboa.

resultados da análise, e, na secção 5, sobre as considerações finais – , procuraremos demonstrar a contribuição que o nosso estudo tem tanto para a Linguística Cultural como para a área da aquisição/aprendizagem de uma língua não-materna (p. ex., Português Língua Não-Materna – PLNM).

Enquadramento teórico: Linguística Cultural e competência metafórica

Conforme definida nos últimos anos, a Linguística Cultural tem vindo a surgir no âmbito da Linguística Cognitiva como um ramo que se dedica ao estudo do modo como as línguas naturais refletem e “corporizam”⁴ as culturas que veiculam (cf. Batoréo 2015, p. 105-111). Postula-se, segundo esta perspectiva, que a Linguagem é estudada ao nível das línguas particulares do ponto de vista cognitivo-funcional, na sua inserção social e cultural, surgindo como meio de conhecimento em ligação com a experiência humana do mundo. A noção de Cultura aqui adoptada é definida do ponto de vista antropológico como um conjunto relativamente integrado de conhecimentos e de crenças, característico de uma comunidade, organizado por padrões e adquirido no seu meio através da interação dos seus membros. Os falantes de uma dada língua, inseridos numa cultura por ela veiculada, precisam, por conseguinte, de ter acesso a estes conhecimentos, a fim de nela poderem funcionar e de se poderem sentir integrados na comunidade.

⁴ Com o termo ‘*embodiment*’, a Linguística Cognitiva defende, tradicionalmente, que a experiência humana mais básica, que se estabelece *a partir do nosso corpo* (biológico), fornece as bases para os sistemas conceptuais e determina o modo como percebemos, conceptualizamos e verbalizamos o mundo. Em Português, convencionou-se traduzir este termo por *corporificação* ou *corporização*.

Defende-se, conseqüentemente, que se trata de uma dimensão cognitiva das interações humanas dinâmicas, tanto verbais como não verbais, e não de um fenómeno estritamente estanque ou material (i. e., constituído por coisas, pessoas ou comportamentos). Entendida deste modo, a Linguística Cultural funciona no âmbito do trinómio Cognição – Linguagem – Cultura, basicamente em duas dimensões complementares que se cruzam: por um lado, existe a dimensão sociolinguística, construída em função de modelos de percepção, associação e interpretação do mundo, partilhados pelos intervenientes sociais; por outro lado, a psicolinguística, que foca a conceptualização, o armazenamento e a memorização dos modelos na mente, permitindo o cruzamento das duas dimensões na transmissão dos modelos na sociedade, de geração em geração.

Por conseguinte, o estudo da rede de ligações e interdependências entre a Linguagem e a Cultura implica um conceito da Linguagem como um sistema fundamentado globalmente na Cultura e na vida social, determinando a comunicação intra e intercultural. Esta fundamentação está fortemente enraizada na ideia da conceptualização, introduzida em larga escala por Lakoff e Johnson (1980) e, posteriormente, defendida ao longo dos anos no seio da Linguística Cognitiva e, também, da Linguística Cultural⁵:

⁵ “[...][C]ognitive Linguistics is well-suited to research on how grammatical differences serve as cultural differences. If meaning plays a role in all linguistic phenomena, and grammar is connected to culture via shared content, then grammar is part of the semiotic endeavor of projecting values and identity. Recognition of the pervasive role of metaphor in grammar likewise strengthens the bond between language and culture, since both use metaphor to elaborate their content. The inclusion of “extralinguistic” knowledge in linguistic categories integrates language and culture by acknowledging that cultural knowledge is actually embedded in linguistic categories. By not assuming that all languages boil down to a single set of universals, Cognitive Linguistics encourages us to focus on language-specific values and their culture specific parallels. [...]. In the case studies the objective is to find how language consistently directs attention to certain characteristics of human relations or time/event structure, while other languages show different patterns of directing

Many books have been written about metaphor, but *Metaphor We Live By* by George Lakoff and Mark Johnson in 1980 was a first attempt to systematically challenge all the aspects of the traditional view (...). Indeed, in the conceptual metaphor theory, sometimes called the cognitive metaphor theory, the fundamental principle is the primacy of thought over language, i.e., metaphor is a cognitive rather than a linguistic phenomenon. Lakoff and Turner (1989) claim that metaphors have entailments that organize our experience and create necessary realities. They show this by simply taking concepts apart linguistically and revealing their underlying metaphorical structure (...). (ALESHTAR; DOWLATABADI, 2014, p.896).

A partir do estudo de Lakoff e Johnson (1980), a metáfora, antes vista como artifício meramente literário e retórico, passou a ser encarada e analisada enquanto mecanismo cognitivo da linguagem de todos os dias, através do qual o ser humano recorre conceptualmente a realidades mais imediatas, de carácter concreto, como, por exemplo, as partes do seu corpo, os objetos do seu quotidiano ou alguns fenómenos naturais, utilizando-os como o *Domínio de Origem* da projeção metafórica, a partir do qual se estabelecem “mapeamentos” para realidades mais abstratas e menos tangíveis, que passam a funcionar como o *Domínios Alvo* da projeção. Esta projeção efetuada entre dois domínios cognitivos – origem e alvo – define o fenómeno da metáfora no seu sentido mais restrito e específico. No entanto, na investigação subsequente ao estudo de Lakoff e Johnson (1980), e sobretudo a partir de 1985, o termo *metáfora* ganhou um significado mais abrangente, englobando todos os outros fenómenos subjacentes à conceptualização

attention. The cultural implications are tentative and subtle, but they are significant because they are systematic – they reflect patterns of conceptualization that affect every speaker every day.” (JANDA, 2008, p. 10-11).

da linguagem figurada⁶.

Se o mundo é corporizado em função da nossa vivência e experiência, ele é também por ela perspectivado e conceptualizado, sendo que esta conceptualização não é individual e subjetiva, mas é enraizada, partilhada e orientada culturalmente. A conceptualização cultural determina, por conseguinte, os instrumentos explicativos de que dispomos para dar conta da estrutura da linguagem e das línguas (SHARIFIAN, 2010, p. 3368)⁷. Neste sentido, defende-se que a linguagem serve tanto para depositar e armazenar como para comunicar a cognição cultural (SHARIFIAN, 2015, p. 473)⁸.

Competência metafórica

Os estudos desenvolvidos na área da aquisição da linguagem e, muito especialmente, os da área da aquisição e aprendizagem das línguas não-maternas (línguas segundas e estrangeiras) têm vindo a alertar ao longo dos anos para que a capacidade de conhecer e usar as metáforas típicas de uma língua seja um requisito indispensável para o

⁶ "Since 1985, the term *metaphor* has been used to refer to the all figurative language and the other aspects are considered as particular kinds of metaphor (Danesi, 2003)." (SHIRASI;TALEBINEZHAD, 2013, p. 136).

⁷ "[...] [M]any morphosyntactic features of human languages reflect culturally-driven conceptualisations and, therefore, a theory of language structure needs to employ cultural conceptualizations as an explanatory tool in accounting for the structure of the human language. Culture of course does not only feed into the morphosyntactic component but also forms and informs all aspects of language content and structure. Theories of language therefore need to take into account the role of cultural conceptualization in carving and constructing all levels of language from lexicon to semantic and pragmatic meanings." (SHARIFIAN, 2011, p. 3368).

⁸ "Historical cultural practices leave traces in current linguistic practice, some of which are in fossilized forms that may no longer be analyzable. In this sense language can be viewed as storing and communicating cultural cognition. (...) Language acts both as a memory bank and a fluid vehicle for the (re-)transmission of culture." (SHARIFIAN, 2015: 473).

seu domínio (desejavelmente) nativo⁹. A par dos já conhecidos conceitos da *competência linguística* (fonológica, sintática, lexical, semântica, discursiva, etc.) e da *competência comunicativa*, foram, mais recentemente, introduzidos na literatura anglo-saxônica da área dois novos conceitos: o conceito de *competência metafórica* (*metaphorical/ metaphoric competence*) e o da *fluência conceptual* (*conceptual fluency*)¹⁰. O primeiro destes conceitos – o da *competência metafórica* – é muito abrangente¹¹ e costuma ser utilizado para referir

⁹ "Learning a second or foreign language (FL) is a difficult and laborious work. Being conceptually appropriate in a second language (L2) cannot be easy. Studies of metaphor have recently impacted the field of L2 acquisition in a number of ways. The present study relates to the hot debates that may be involved in the improving SLA and in programming speech of EFL learners in metaphorical ways which is an integral trait of native-speakers' competence." (ALESHTAR; DOWLATABADI, 2014, p. 1895).

"In second language domain, emphasis is usually placed on grammatical or communicative competence to improve learners' proficiency in the target language (DANESI, 1988). As the third competence, MC, following Chomsky's linguistic competence and Hymes' communicative competence (1972), has aroused the interest of a number of L2 researchers (e.g. GARDNER; WINNER, 1978; LOW, 1988; DANESI, 1993; LITTLEMORE; 2001a; LITTLEMORE; LOW, 2006) leading the front is Danesi (1992) who states that MC functions as a beneficial supplement for the previous two competences and states metaphors and idioms should not be ignored in L2 curricula any more since they hinder L2 learners from reaching a native like production." (ALESHTAR; DOWLATABADI, 2014, p. 1897).

¹⁰ "A subject matter in the study of SLA in recent years is the extent to which learners of an L2 learn how to express themselves in the target language using figurative speech going with the culture. Danesi (1986, 1992) has called this a neglected dimension in L2 teaching. Gibbs (1994), in investigating the psycholinguistic cases on figurative language, explains that in proper contexts people mostly use the metaphorical asset of a message rather than its literal meaning. Therefore, metaphors are feature of communicative interaction (cited in LANTOLF; THORNE 2006, p.113). Danesi (1994) has made the term "Conceptual Fluency" to describe the ability of speaker to tap effectively into the cultural and linguistic reservoir of verbal images. So, being *conceptually fluent* in a language means to know how that language contemplates or illustrates its concepts based on the metaphorical structuring." (SHIRASI; TALEBINEZHAD, 2013, p. 136).

¹¹ "Metaphorical competence is an umbrella term which has been used to refer to an individual's ability in comprehension and production of metaphors (DANESI, 1993; LOW, 1988; LITTLEMORE; 2001b; LITTLEMORE & LOW, 2006). Roughly speaking, metaphorical competence includes the ability to detect the similarity between disparate domains and to use one domain to talk about or to understand something about another domain. MC is believed to consist of metaphor awareness, and strategies for comprehending and creating metaphors (DEIGNAN, GABRYS; SOLSKA, 1997). Tóth (1999, cited in BERENDI, 2005) makes an attempt at the definition of metaphorical competence. In his view it is a complex competence, which develops gradually, and is constantly changing. It is based on the appearance and continuous expansion of the range of conceptual metaphors. The notion of MC is discussed by Low (1988), in his article, in which the focus is on alerting learners to the presence and effects of conventional metaphors and pedagogical approaches in ELT contexts. In that same article, he attempted to set out a series of skills that learners need to master if they are to achieve real skill with an L2/FL as MC. (ALESHTAR *et al*, 2014, p. 1897).

as capacidades que o falante tem para perceber e produzir metáforas, entendidas no seu sentido mais vasto como mecanismos cognitivos subjacentes à linguagem figurada (cf. ALESHTAR; DOWLATABADI, 2014, p. 1895; SHIRAZI; TALEBINEZHAD, 2013, p. 135). Esta competência implica a capacidade de distinguir diferentes domínios conceptuais (que podem servir ora como a origem ora como o alvo da projeção metafórica), conseguir diferenciar o seu papel em línguas diferentes, saber reconhecer a linguagem metafórica (quer a convencional quer a criativa), assim como saber construir e criar metáforas novas. A *fluência conceptual* refere-se, por sua vez, à capacidade que o falante de uma língua tem tanto para entender como para saber pôr a funcionar na prática linguística as imagens verbais típicas de uma dada sociedade e de uma dada cultura. Um *falante conceptualmente fluente* é, por conseguinte, alguém que conhece o modo como uma dada língua conceptualiza a realidade e como, para tal, cria redes de mecanismos cognitivos, a fim de as transmitir a nível linguístico.

Quando adquirimos e/ou aprendemos uma língua não-materna, precisamos de conhecer todo um sistema conceptual novo subjacente à produção linguística do idioma em aprendizagem e este processo só pode ser efetuada no âmbito do respectivo sistema cultural, sendo tanto a conceptualização como a respectiva cultura diferentes das da língua nativa do falante. Perante esta discrepância, que exige transformação conceptual, o falante precisa de *reestruturar-se cognitivamente* para uma nova realidade no âmbito do trinómio Cognição – Linguagem – Cultura:

[O]ne's first language, together with its underlying conceptual structure, is acquired within one's own cultural system, but the learning of a second language involves conceptual restructuring. That is, second language acquisition takes place in the process of transforming into a new cultural system (YU, 2007, p. 78).

Ignorar esta *reestruturação cognitiva* resulta, por regra, em aprendentes que *revestem* conceitos da sua língua materna em vocabulário e gramática da língua-alvo (cf. DANESI, 1993), isto é, falam a língua B com o material gramatical e lexical novo, mas continuam a pensar na língua A, já previamente adquirida e cognitivamente estabilizada. Reconhecer a necessidade da adopção desta perspectiva cognitiva e cultural contribuirá, pelo contrário, não só para uma comunicação (quer inter quer intracultural) mais competente, mas também poderá levar a um ensino das línguas e aprendizagem mais efetivas e significativas. Nesta linha de investigação, Yu (2007) defende, por exemplo, que, por falta de explicitação dos processos de conceptualização culturalmente motivados que subjazem a uma língua, os conceitos da língua materna são frequentemente *revestidos* verbalmente na língua-alvo, o que pode tornar a produção linguística no idioma novo não só deturpada, como, até, incompreensível. Mesmo que haja circunstâncias em que dois sistemas diferentes possam mostrar algum alinhamento (até pela proximidade tipológica das línguas em questão), em situações em que essa correspondência não se observe, como é frequentemente o caso das culturas muito diferentes (como a chinesa em contraste com a cultura ocidental, por exemplo), é indispensável o desenvolvimento de uma *competência metafórica*, a par de outras competências linguísticas, que permita ao aprendente desenvolver a sua *fluência conceptual*:

As language is embedded in culture (PALMER; SHARIFIAN, [2007]), cultural context is the “physical environment” in which language acquisition takes place. However, first language acquisition and second language acquisition are very different. First language acquisition is “traveling by day”, whereas second language acquisition is “traveling by night”. That is, second language learners have to “feel their way in the dark”. Introducing the cultural context to second language learners is to “set up street lights and road signs” for them so that they can “see” where they are going and “go faster”. (YU, 2007, p. 83).

Na secção seguinte, procuraremos ilustrar a problemática discutida na secção 2 com o caso da conceptualização das emoções na língua e cultura chinesas, contrastando-a com o caso da cultura ocidental, exemplificada, aqui, pelo Português Europeu.

O caso da conceptualização das emoções no caso da cultura chinesa (localizadas no coração e no fígado)

Na presente secção, focaremos a nossa atenção no caso muito específico da conceptualização das emoções no caso da cultura chinesa, tal como analisado e discutido nos estudos de Yu (1995, 1998, 2003, 2007, 2008 a e b) e Pires (2015), demonstrando que a conceptualização dos sentimentos e das emoções (por exemplo, dos da lealdade, raiva ou tristeza profunda) é culturalmente determinada em Chinês, pela tradição filosófica (taoísmo e confucionismo), pela cosmologia e, muito particularmente, pela medicina tradicional chinesa. Sem conhecimento desta ancoragem cultural, é praticamente impossível entender, por exemplo, as expressões idiomáticas utilizadas pelos chineses na expressão das emoções.

Traditional Chinese medicine is a mixture of folk and scientific medicine with a history of several thousand years. In the study of human body, it borrowed extensively from ancient Chinese philosophy, for instance, its theories of *yin-yang* and five-elements, which are aimed to explain the formation and operation of the universe. This is because traditional Chinese medicine shares the views of ancient Chinese philosophy that nature and human correspond to each other and they are a unified one. (YU, 2007, p. 70).

O estudo da expressão das emoções em Linguística Cognitiva ao longo das últimas décadas (cf. BATORÉO, 2004, cap. 4) demonstra a ubiquidade da metáfora O CORPO É O CONTENTOR DAS EMOÇÕES. No entanto, em culturas e em línguas particulares diferentes, distintos são também os órgãos que funcionam como sede de determinadas emoções. Na cultura ocidental, e segundo a tradição cartesiana (cf. BATORÉO, 2000, cap. 2.4.), costuma localizar-se a emoção no coração¹² e a razão na cabeça (e no cérebro), o que transparece, por exemplo, nas expressões portuguesas referentes à emoção, como, por um lado, em: *‘digo-te isto do coração’*, *‘o desgosto amoroso partiu-lhe o coração’*, *‘são coisas do coração’*, e, por outro, na referência à razão em: *‘ele é muito cerebral’*, *‘ela rege-se pela cabeça’*, ou *‘a cabeça diz-me que não devo falar mais com ele’*.

Ao contrário do que acontece na cultura ocidental, a cultura chinesa conceptualiza a localização corporizada da emoção e da razão

¹² No entanto, vejam-se os resultados mais recentes da neurociência, que contradizem esta tradição milenar, como, por exemplo, em: Stefan Koelsch *et al.* (2007). A cardiac signature of emotionality. *European Journal of Neuroscience*. Volume 26, Issue 11, 3328–3338, December 2007. Segundo este estudo, e contrariando a tradição ocidental, o centro das emoções está no cérebro, enquanto o coração estão encarregado de distribuir sangue aos tecidos.

de um modo diferente da ocidental, escolhendo o coração como centro da razão¹³:

In ancient Chinese philosophy, the heart is taken as the thinking and reasoning organ, and the “ruler” of the body. In traditional Chinese medicine, similarly, the heart is seen as the “ruler” of the body and the “grand master” of the internal organs, due to its perceived mental power. The metaphorical understanding of the heart, manifested linguistically in the Chinese language, is thus a cultural phenomenon, an instance of “cultural cognition” (SHARIFIAN, 2003, p. 188). (YU, 2007, p. 83)

Segundo a discussão dos dados linguísticos chineses apresentados em Yu (2007), o coração chinês é concebido, antes de mais, como um contentor que funciona como um recipiente onde habitam (ou um suporte onde se enraizam) simultaneamente a emoção e a razão, o que se observa num conjunto de expressões¹⁴ formadas com o mesmo radical que significa coração, resultando, na tradução literal, nas expressões como: ‘coração-casa’, ‘coração-quarto’, ‘coração-ninho’ ou ‘coração-terra’, contentores ou terrenos-suporte que podem ser construídos, regados, encerrados ou abertos, em metáforas domésticas de lar ou em metáforas agrícolas de solo. Por outro lado, no entanto, as expressões como ‘coração-ideia’, ‘coração-desejo’ ou ‘coração-pensamento’ demonstram que o coração é conceptualizado pelos chineses como local de atividades e estados mentais ou espirituais, nos quais se incluem o estudo e a aprendizagem. Em termos globais, o autor justifica as conceptualizações subjacentes ao uso linguístico como sendo fortemente enraizadas na experiência cultural de cada povo (YU,

¹³ Por esta razão, a palavra ‘coração’ (*xin*, em Chinês) é frequentemente traduzida para o Inglês como “*heart-mind*”, a fim de contrastar a conceptualização chinesa com a dicotomia cartesiana, típica da cultura ocidental.

¹⁴ Cf. Exemplos 2 a 8, em Yu (2007).

2007, p. 65), encontrando a do caso chinês na milenar filosofia e medicina tradicionais chinesas:

In Chinese medicine, the internal organs of the human body are divided into two major classes. The five organs of primary importance are called *zang* (脏): liver, heart, spleen, lung, and kidney. Each of them is matched with, and closely related to, an organ of secondary importance called *fu* (腑): respectively, gallbladder, small intestine, stomach, large intestine, and bladder. An extra *fu* organ is called *san jiao* 'triple heater, i.e., the three visceral cavities housing the internal organs'. According to the theory of *yin-yang*, all the *zang* organs belong to *yin*, whereas all the *fu* organs belong to *yang*. (YU, 2007, p. 70).

Se, por um lado, os filósofos confucionistas e taoistas consideram o coração o núcleo que governa o corpo, quer por deter a faculdade da razão quer por servir como compasso moral e freio às emoções, por outro lado, e em sintonia com a tradição local, a medicina tradicional chinesa vê o corpo como sendo governado pelo coração, conceptualizado como o seu governador, sendo coadjuvado pelos restantes órgãos, conceptualizados como ministros, através tanto das suas funções corporais, que materializam as ordens do órgão-governador, como alimentando-o também com as suas emoções.

Segundo a medicina tradicional chinesa (cf. YU, 2003), existem cinco órgãos de maior importância, aos quais correspondem cinco órgãos secundários; assim, por exemplo, o fígado é um órgão que pertence ao primeiro grupo e a vesícula, ao segundo. A ligação entre os dois órgãos e a respectiva compatibilidade é reconhecida e considerada muito estreita: cabe ao fígado a defesa do corpo, apoiando-se na vesícula para a tomada de decisões. A compatibilidade mencionada é também fundamentada pela doutrina chinesa do *yin-yang*, que defende a dualidade como um princípio básico do universo.

O papel que a medicina tradicional chinesa confere ao fígado no corpo humano torna-se visível, quando estudamos a expressão de emoções em Chinês e as respectivas expressões idiomáticas, conforme ilustrado, analisado e discutido, por exemplo, em Pires (2015)¹⁵, na expressão de emoções tão diferentes do ponto de vista da cultura ocidental como LEALDADE, RAIVA e TRISTEZA PROFUNDA.

Numa primeira abordagem global dos exemplos a seguir apresentados, é importante sublinhar que o papel que os órgãos desempenham no corpo humano, bem como a interligação entre eles existente, são cruciais para compreendermos a expressão das emoções em Chinês, por exemplo nas expressões idiomáticas que referem o fígado (em Chinês, 'gān') e a vesícula (em Chinês, 'dǎn'), na veiculação da metáfora da LEALDADE (exemplo (1)). Em todas elas, e tal como entendido pela medicina tradicional chinesa, o fígado é um dos órgãos de maior importância, o que – iconicamente¹⁶ – se traduz nas expressões apresentadas em (1a) e (1b) pelo fato de o item que significa fígado surgir primeiro que a palavra correspondente à vesícula, refletindo, assim, a sua importância hierárquica atribuída pela cultura. O mesmo princípio de iconicidade é mantido quando o fígado é mencionado sempre em primeiro lugar quando surge em conjunto com os intestinos (exemplo 3a) ou com o coração (exemplo 3b), na expressão da TRISTEZA PROFUNDA. No exemplo (2), relativo à expressão da RAIVA, a referência ao fígado aparece sem a menção a outros órgãos, Neste caso, o fígado é conceptualizado como o contentor de fogo, dentro do qual explodem as emoções.

¹⁵ Todos exemplos que aqui apresentamos de (1) a (3) seguem a exemplificação apresentada em Pires (2015).

¹⁶ A iconicidade constitui um dos princípios de base da Linguística Cognitiva.

Observemos, a seguir, os exemplos de (1) a (3):

Exemplo 1.

1. a)

<i>pī</i>	<i>gān</i>	<i>lī</i>	<i>dǎn</i>
revelar	figado	pingar	vesícula

Lit.: o fígado revela-se e a vesícula pinga

Contexto:

Lit.: Pelos amigos, o seu fígado revela-se e a sua vesícula pinga, mas no fim acaba sempre sozinho.

Pelos amigos, ele mostra grande lealdade, mas acaba por ficar sozinho.

1. b)

<i>gān</i>	<i>dǎn</i>	<i>tú</i>	<i>dì</i>
figado	vesícula	espalhar	chão

Lit.: o fígado e a vesícula espalhados pelo chão

Contexto:

Lit.: Pela pátria, ele tem vontade de espalhar pelo chão o fígado e a vesícula.

Pela pátria, ele mostra grande lealdade.

O exemplo 1 (a) e (b) ilustra a expressão do sentimento da lealdade como uma metáfora fortemente corporizada e culturalmente ancorada: AS PESSOAS LEAIS SÃO O FÍGADO E A VESÍCULA BILIAR. Esta metáfora caracteriza-se pela referência conjunta a dois órgãos que têm entre si ligações de proximidade física, mas também desempenham funções corporais complementares. Esta associação íntima entre os órgãos, tanto orgânica como funcional, é projetada para o espaço

abstrato das emoções, dando origem à metáfora da lealdade, em que uma pessoa pode ser considerada leal, se demonstrar características de proximidade e complementaridade em relação aos outros, tal como se observa no caso destes dois órgãos do corpo humano¹⁷. Esta referência tem carácter visceral e uma grande força expressiva; evidencia-se, assim, o trabalho conjunto e apoio mútuo, assim como o sacrifício que um elemento é capaz de fazer pelo outro, indo até às últimas consequências: a morte física do órgão e, conseqüentemente, a morte metafórica do sujeito leal.

Observemos, agora, o Exemplo (2):

Exemplo 2.

2. a)

<i>dà</i>	<i>d ng</i>	<i>gān</i>	<i>huǒ</i>
grande	mover	fígado	fogo

Lit.: o fogo no fígado está em grande movimento

Contexto:

Lit.: Por causa de coisas pequenas, o fogo nos seus fígados está em grande movimento.

Por causa de coisas pequenas, eles ficam furiosos.

PE (idiomático): *Fervem em pouca água*

2.b)

<i>gān</i>	<i>huǒ</i>	<i>wàng shèng</i>
fígado	fogo	vigoroso

Lit.: o fogo no fígado está vigoroso

¹⁷ É o tipo de “relação íntima” entre dois órgãos do corpo humano que se observa, em Português, na expressão ‘*unha com carne*’ para ilustrar uma grande proximidade física e inseparabilidade entre duas pessoas, mas que não corresponde à expressão do sentimento da lealdade aqui em foco.

Contexto:

Lit.: Recentemente, o fogo no seu fígado tem estado vigoroso,
e embirra sem razão.

Recentemente, ele tem estado irritado.

P.E. (idiomático) *Tem estado com os azeites.*

A conceptualização da raiva apresentada em (2) é aparentemente análoga ao que observamos em várias outras línguas e que tem vindo a ser estudado há décadas no âmbito da Linguística Cognitiva, também no âmbito do Português (cf. ABRANTES, 1999; para a discussão da temática, ver o capítulo 4.1.1. em BATORÉO, 2004). A raiva é, habitualmente, conceptualizada como fogo ou outra substância explosiva, aprisionada num contentor que está prestes a rebentar com a ebulição, conforme se pode observar nas expressões portuguesas: *‘estar a rebentar de raiva’* ou *‘estava a saltar-lhe a tampa’*. No entanto, em Português, não temos nenhum órgão específico que sirva de contentor para “albergar” tanta emoção: na prática é todo o corpo que experiencia a ebulição e é todo ele que está prestes a rebentar com a explosão, tal como ilustrado pelas expressões *‘começar a ferver’*, *‘estar a arder de raiva’*, *‘deitar fumo pelos ouvidos/ pelas ventas’*, *‘estar cego de raiva’*, etc.

No caso chinês, a situação é diferente, porque a emoção encontra-se circunscrita ao contentor de um órgão específico, que é o fígado. Tal como sublinha Pires (2015, p. 7-8), a especificidade da língua chinesa reside precisamente na escolha do tipo de contentor que aprisiona o fogo da raiva, escolha justificável à luz das raízes culturais chinesas, baseadas, neste caso, não só na medicina tradicional, mas também na doutrina cosmológica de organização do universo (cf. YU, 2008b).

Segundo esta doutrina, a cada um dos cinco elementos (isto é, madeira, fogo, terra, metal e água) corresponde um par de órgãos (um principal e um outro periférico) e, conseqüentemente, uma emoção adscrita a este(s) órgão(s). No caso da raiva, trata-se de uma emoção correspondente ao fígado e à vesícula. Por conseguinte, a metáfora correspondente em Chinês será: A RAIVA É O FOGO NO FÍGADO.

Passemos, agora, ao exemplo (3):

Exemplo 3.

3. a)

<i>gān</i>	<i>cháng</i>	<i>cùn</i>	<i>duàn</i>
fígado	intestino	medida	quebrar

Lit.: o fígado e o intestino ficaram partidos em pedaços

Contexto:

Os seus fígados e intestinos ficaram partidos em pedaços por causa do cancro que lhes roubou o filho

Ficaram desfeitos/ despedaçados com a morte do filho.

(3.b)

<i>gān</i>	<i>xīn</i>	<i>ru</i>	<i>liè</i>
fígado	coração	parecer	rachado

Lit.: o fígado e o coração parecem rachados

Contexto:

Lit.: O falecimento do marido levou a que o seu coração e fígado parecessem rachados

O falecimento do marido deixou-a muito triste.

PE (idiomático): *Partiu-se-lhe o coração com a morte do marido.*

Quando pensamos na expressão da tristeza, na cultura ocidental, quem sofre de amor pode *'estar de coração partido/ despedaçado'* ou pode *'doer-lhe a alma/ o coração'*, sendo o centro da dor conceptualizado no órgão mais emocional do corpo humano: o coração.

Em Chinês, pelo contrário, a metáfora que permite a expressão de uma tristeza profunda é a TRISTEZA É O FÍGADO DESFEITO, sendo que a referência ao fígado pode ser acompanhada pela referência a outros órgãos: ao intestino, tal como ilustrado em (3a) ou ao coração, tal como apresentado em (3b). Trata-se, de um modo análogo ao observado antes no exemplo (1), de uma metáfora profundamente visceral, que choca pela sua crueza e expressividade a quem não tiver conhecimentos culturais correspondentes. Se o fígado é o primeiro órgão indicado em cada uma das expressões, a referência global é feita, no entanto, (e tal como já referenciado atrás) a um par de órgãos, conforme as raízes culturais chinesas. No que diz respeito ao intestino, este órgão é associado à ansiedade e à tristeza (YU, 2008a); quando o intestino se parte/ racha/ rompe, a tristeza fica libertada do seu contentor, tanto mais que a ruptura simultânea do fígado (o órgão responsável pela defesa do corpo) potencia a ruptura, bem como as respectivas consequências: a ansiedade, a dor, a depressão. No que diz respeito ao coração, o rei das emoções, a teoria dos cinco elementos associa-lhe a alegria (YU, 2007); quando este órgão está em ruptura, surge logo a alteração do humor do corpo, a alegria habitual desvanece-se e dá lugar à tristeza.

Resultados da análise

Em suma, os exemplos apresentados e discutidos na secção 3 demonstram que, apesar da conhecida ubiquidade da metáfora O CORPO É O CONTENTOR DAS EMOÇÕES, a língua e a cultura chinesas conceptualizam as emoções de um modo diferente do que o faz a cultura ocidental:

- (i) os órgãos específicos em que as emoções são localizadas na cultura chinesa são diferentes dos habitualmente referenciados pela cultura ocidental;
- (ii) o carácter dos órgãos é muito mais visceral, relativo às “entranhas” (silenciadas habitualmente pelos tabus ocidentais), o que imprime uma grande força expressiva às expressões idiomáticas utilizadas;
- (iii) a referência é feita não apenas a órgãos individuais, mas, muito particularmente, aos pares de órgãos que colaboram no funcionamento de um todo que é um corpo humano, altamente organizado e hierarquizado;
- (iv) a referência é feita, também, às relações de proximidade física e de complementaridade no funcionamento de um todo, cuja projeção é fundamental na conceptualização do corpo e as suas partes, bem como na construção das metáforas.

Por conseguinte, na cultura chinesa, a construção da metáfora como um mecanismo cognitivo não se limita apenas à projeção de uma realidade física (p. ex. um órgão) para o domínio abstrato das emoções,

mas exige a projeção de toda uma mundividência relacionada com as características físicas deste órgão, tal como as funções que lhe são atribuídas e a importância que se julga ele ter para o corpo humano. Esta mundividência é determinada culturalmente pela filosofia chinesa, na multiplicidades das diferentes doutrinas, mas sobretudo pela concepção subjacente à milenar medicina chinesa, fortemente ancorada culturalmente.

Reforçamos, assim, o que foi discutido ao longo da presente secção: a experiência chama-nos a atenção para a importância do corpo na metaforização; no entanto, o tipo de corporização efetuado e, por conseguinte, a escolha de um órgão específico de uma parte de corpo como fundamento para a construção da metáfora numa dada língua depende dos modelos culturais utilizados pelos que vivem nesta mesma cultura:

[B]odily experience can only tell what are possible metaphors. Whether these potential metaphors are actually selected in a given culture is largely dependent upon the cultural models shared by individuals living in this culture. (YU, 1998, p. 93).

Considerações finais

No presente estudo, desenvolvido no âmbito da Linguística Cultural, pretendemos abordar a noção da *competência metafórica*, definida como a capacidade de entender e usar as metáforas numa dada língua particular, tal como elas surgem na produção linguística autêntica do dia-a-dia, conforme inicialmente proposto por Danesi (1993) e, mais recentemente, defendido por vários autores (entre eles, por exemplo, por Shirazi and Talebinezhad, 2013; Doiz and Elizari, 2013

ou Aleshtar and Dowlatabadi, 2014). A fim de se poder comunicar numa língua nova com proficiência, além das competências tradicionais que o falante precisa de desenvolver no processo da aquisição/ aprendizagem da linguagem – tais como a competência comunicativa e a(s) competências linguística(s) – é importante trabalhar também a competência metafórica, de um modo adequado não só linguística ou comunicativamente, mas, também, de um modo *fluente e apropriado conceptualmente*, demonstrando *fluência conceptual*.

No caso presente, a análise da competência metafórica centrou-se no estudo da conceptualização das emoções, e, muito especialmente, em três tipos de sentimentos: a *tristeza* profunda, a *raiva* e o sentimento de *lealdade*, contrastando a língua e a cultura chinesas, por um lado, e, por outro, a cultura ocidental (exemplificada pela língua e cultura portuguesas). A análise da corporização quer fisiológica quer cultural (cf. SINHA; LÓPEZ, 2004; SHARIFIAN, 2015, entre outros) confirmou, tal como largamente discutido na literatura sobre a língua e cultura chinesas (cf. o estudos recentes de Yu referenciados na bibliografia; PIRES, 2015) que, em Chinês, os órgãos de corpo como *coração*, *figado* ou *vesícula* são conceptualizados como contentores de emoções específicas, servindo de *Domínio de Origem* no processo de projeção metafórica, de acordo com as crenças e convicções milenares da filosofia, mundividência e medicina chinesas, mas de um modo muito diferente do que acontece na cultura ocidental. Por exemplo, se o *coração* é tradicionalmente o centro da emocionalidade e da vida sentimental na cultura ocidental, na cultura chinesa, pelo contrário, é um órgão que governa a complexa arquitetura dos outros órgãos do corpo humano, que são por ele “orquestrados”, enquanto a

emocionalidade é regida pelo funcionamento do *figado*. Esta variação na distribuição da localização das emoções observada nas línguas de culturas diferentes, precisa de ser “descoberta” e estudada conscientemente pelo falante não-nativo, a fim de garantir a respectiva *fluência conceptual* no uso das respectivas expressões idiomáticas.

O fato de os órgãos como a *vesícula* ou os *intestinos*, por exemplo, serem conceptualizados como contentores do sentimento de *lealdade* ou de *tristeza*, respectivamente, é recebido com estranheza na cultura ocidental pelo seu carácter visceral, relativo às “entranhas” do corpo, que, nesta tradição, ficam habitualmente silenciadas ao nível da expressão verbal pelos tabus culturais. Este carácter visceral imprime uma grande força expressiva às expressões chinesas estudadas, nas quais a ruptura do órgão responsável por um dado sentimento implica um sofrimento emocional experienciado pelo “portador” do órgão. Como, na cultura chinesa, os órgãos do corpo humano não são concebidos individualmente, mas fazem parte de toda uma mundividência cultural, a respectiva referência é feita não apenas a órgãos individuais, mas, muito particularmente, aos pares de órgãos (um de maior importância do que o outro) que colaboram no funcionamento de um todo que é o corpo humano, um complexo altamente organizado e hierarquizado. A referência é feita, igualmente, às relações de proximidade física e de complementaridade no funcionamento do corpo, cuja projeção é também fundamental na construção das metáforas. Apesar da conhecida ubiquidade da metáfora O CORPO É O CONTENTOR DAS EMOÇÕES, a exemplificação apresentada demonstra que as línguas diferentes conceptualizam as emoções, de fato, de modos diferentes. Assim sendo, a experiência que temos do nosso corpo pode apenas indicar aproximadamente a

orientação que pode ter o processo cognitivo da construção das metáforas emocionais. No entanto, a relação que uma dada língua faz de certos órgãos (e não dos outros) para contentores das diferentes emoções é determinada pelos modelos culturais que os os falantes de uma dada comunidade linguística e cultural partilham e transmitem de geração em geração, também pelo tipo de linguagem figurada que utilizam.

Quando o falante aprende uma língua nova é indispensável aprender não apenas as construções e expressões de um sistema diferente do da sua língua materna, mas perceber, sobretudo, como elas são conceptualizadas na cultura de um outro povo pela sua tradição e pelos séculos da sua história, procurando *reestruturar-se cognitivamente* e não apenas revestir os conceitos de uma língua particular com as construções linguísticas e material lexical da outra.

Defendemos, por conseguinte, que a competência metafórica, sendo ancorada culturalmente, desempenha um papel fundamental na aquisição da linguagem, assim como determina a proficiência, fluência e adequação linguísticas dos falantes das línguas novas, no contexto da língua não materna.

Referências

- ABRANTES, A. M. O regresso às emoções: a expressão da raiva em português. In *Revista Portuguesa de Humanidades*, 3. Braga, Universidade Católica Portuguesa, Faculdade de Filosofia, 1999, p. 101-138.
- ALESHTAR, M. T.; H. DOWLATABADI (2014). Metaphoric Competence and Language Proficiency in the Same Boat. *Procedia – Social and Behavioral Sciences* 98 (2014) 1895-1904.

BATORÉO, H. J. *Linguística Portuguesa: Abordagem Cognitiva* [CD-Rom]. Lisboa: Universidade Aberta, 2004.

BATORÉO, H. J. Linguística Cultural e o Estudo do Léxico da Língua Portuguesa (PE e PB). In: Simões, Darcília, Paulo Osório e Cecília Molica (org.). *Contribuição à Linguística no Brasil: um projecto de vida. Miscelânea em Homenagem a Cláudia Roncarati*, Rio de Janeiro: Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), Dialogarts, 2015, p. 98-143. ISBN digital: 978-85-8199-031-6. ISBN Impresso: 978-85-8199-032-3.

[http://www.dialogarts.uerj.br/arquivos/miscelanea em homenagem a claudia roncarati.pdf](http://www.dialogarts.uerj.br/arquivos/miscelanea%20em%20homenagem%20a%20claudia%20roncarati.pdf)

DANESI, M. Metaphorical competence in second language acquisition and second language teaching: The neglected dimension. In J. E. Alatis (Ed.), *Language, Communication and Social Meaning* Washington, DC: Georgetown University Press, 1993. p. 489-500.

DOIZ, A.; C. ELIZARI. Metaphoric competence and the acquisition of figurative vocabulary in foreign language. *ELIA – Estudos de Linguística Inglesa Aplicada*, 13, 2013, 47-82.

JANDA, L. A. From Cognitive Linguistics to Cultural Linguistics. *Slovo a smysl/ Word and Sense*, 2008. 33 p., ms. ISSN 1214-7915.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metaphors we live by*. Chicago: University of Chicago Press, 1980.

OTS, T. The angry liver, the anxious heart and the melancholy spleen. *Culture, Medicine and Psychiatry*, 14 (1), 1990. p. 21-58.

PIRES, L. O *figado* em expressões idiomáticas chinesas: uma perspectiva cognitiva e cultural. Seminário de *Linguagem, Cognição e Cultura*, Doutorado em Estudos Portugueses, Universidade Aberta, Lisboa, 2015.

SHARIFIAN, F. Cultural conceptualizations in intercultural communication: a study of Aboriginal and non-Aboriginal Australians. *Journal of Pragmatics*, 2010, 42, p. 3367-3376.

_____. *Cultural conceptualisations and language: Theoretical framework and applications*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2011a.

_____. *Cultural Linguistics*. Inaugural Professorial Lecture, Professor Farzad Sharafian, School of Language, Cultures, and Linguistics, Language and Society Centre, Monash University, 2011b. Disponível em:

[http://monash.academia.edu/ProfessorFarzadSharifian/Papers/611702/Cultural Linguistics Farzad Sharifians Inaugural Professorial Lecture](http://monash.academia.edu/ProfessorFarzadSharifian/Papers/611702/Cultural_Linguistics_Farzad_Sharifians_Inaugural_Professorial_Lecture)

_____. Cultural Linguistics. In: F. SHARIFIAN (Ed.). *The Routledge Handbook of Language and Culture*. Oxford: Routledge, 2015. p. 473-493.

_____. *Language and Society*, 2011c. Video. Disponível em:

<http://arts.monash.edu.au/language-and-society/farzad-lecture-june-11.php>

SHARIFIAN, F.; G. B. Palmer (Eds.). *Applied cultural linguistics: implications for second language learning and intercultural communication*.

Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2007.

SHARIFIAN, F.; R. Dirven, N. Yu; S. Neiemier, S. (Eds.). *Culture, body, and language: Conceptualizations of internal body organs across cultures and languages*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2008. p. 45-74.

SHIRAZI, M. G.; M. R. TALEBINEZHAD. Developing Intermediate EFL Learners Metaphorical Competence through Exposure. *Theory and Practice in Language Studies*, Jan. 2014, Vol. 3, Nº 1, 135-141.

SIAHAAN, P. Did he break your heart or your liver? A contrastive study on metaphorical concepts from the source domain ORGAN in English and in Indonesian. In F., 2008.

SINHA, Ch.; K. J de LÓPEZ. Language, Culture and the Embodiement of Spatial Cognition, *Cognitive Linguistics*, 11, 2004. p. 17-41.

YU, N. Metaphorical Expressions of Anger and Happiness in English and Chinese. *Metaphor and Symbolic Activity*, 10 (2), 1995. p. 59-92.

_____. *The contemporary theory of metaphor: a perspective from Chinese*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 1998.

_____. Metaphor, Body, and Culture: The Chinese Understanding of Gallbladder and Courage. *Metaphor and Symbol*, 18 (1), 2003. p. 13-31.

_____. The Chinese conceptualization of the heart and its cultural context Implications for second language learning. In F. Sharifian & G. B. Palmer (Eds.), *Applied cultural linguistics: Implications for second language learning and intercultural communication*. Amsterdam: John Benjamins, 2007. p. 65-86.

_____. Metaphor from Body and Culture. In: R. W. GIBBS, Jr. (Ed.). *The Cambridge Handbook of Metaphor and Thought*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008a. p. 247-261.

_____. The Chinese heart as the central faculty of cognition. In: F. SHARIFIAN, R. DIRVEN, N. YU; S. NIEMEIER (Eds.). *Culture, body, and language: conceptualizations of internal body organs across cultures and languages*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2008b. p. 131-168

Recebido em 19/10/2015. Aprovado em 12/11/2015.